



MEMÓRIA INSTITUCIONAL*

A PEREGRINAÇÃO

DOS LIVROS: AS BIBLIOTECAS DO COLÉGIO DO ESPÍRITO SANTO

SARA MARQUES PEREIRA

Partilhando uma História nem sempre pacífica, os livros e as bibliotecas do Colégio do Espírito Santo acompanharam o destino das instituições educativas que ali se instalaram, sabendo reinventar-se sempre que necessário, de modo a melhor servir gerações de alunos e professores que pelo edifício passaram, ao longo de mais de quatro séculos.

AS LIVRARIAS JESUÍTAS (1553-1759)

O surgimento da Livraria Geral, ou Livraria Grande, do Colégio do Espírito Santo foi contemporâneo à criação da Universidade de Évora (Bula Cum a Nobis do Papa Paulo IV, 15 de Abril de 1559). Como verdadeira congregação de ensino, a Companhia de Jesus beneficiaria da hodierna difusão da imprensa e da cultura escrita (séc. XVI), como da consequente proliferação desse recurso didáctico fundamental como era o livro impresso¹. Além do mais, possuindo um grupo notável de escritores entre os seus membros, rapidamente possibilitaria que as livrarias da Companhia de Jesus se difundissem e ampliassem em todo o mundo. Neste sentido, a Livraria do Colégio de Évora foi paradigmática.

Os primeiros fundos da Livraria Geral foram

provenientes das doações do seu instituidor, o Cardeal D. Henrique (1512-1580) e das dotações deste ao Colégio para seu funcionamento. Mas o crescimento do espólio, ao longo dos setenta anos seguintes, terá obrigado à mudança do seu espaço original. Da actual Sala do Senado passou para a denominada Sala das Belas Artes, ficando a partir daí conhecida como a Livraria Grande do Colégio (1631), vendo a sua área praticamente triplicar. Aqui se manteve até ao encerramento da Universidade, provocado pela expulsão da Companhia de Jesus em 1759, sendo posteriormente o seu espólio destruído e disperso por várias instituições, entre as quais o Real Colégio dos Nobres (1761) e a Biblioteca Pública de Évora (1806).

*Agradeço à Antónia Pereira, Catarina Fernandes e Dulce Guerra, a ajuda muito relevante na recolha de elementos para este texto.

¹-Na *Ratio Studiorum* (1599) a presença dos livros e da sua leitura é constante, a cultura livresca e humanista fazia da *lectio* a base da sua pedagogia. As instruções são rigorosas para o Reitor e o Perfeito dos Estudos, salientando que o Perfeito deveria “cuidar para que os escolásticos não tivessem falta de livros, nem acumulem livros inúteis. Por isso o Perfeito, deverá lembrar ao Reitor, a seu devido tempo, a necessidade de possuir livros em grande quantidade - livros de uso quotidiano ou livros que sejam úteis no ano seguinte, para os nossos estudantes e para os externos”, e ainda: “Antes da abertura das aulas, o Perfeito consultará o Reitor com a devida antecedência, sobre a elaboração da lista de livros a estudar em classe ao longo do ano, para que ela seja igualmente comunicada ao Perfeito Geral e aos professores. Do mesmo modo se hão-de determinar os livros ou os autores que naquele ano devam eventualmente ser mudados” e que “Com os livreiros, [o Perfeito] tome a seu tempo as providências necessárias para que não falem livros que usamos diariamente ou que usaremos no ano seguinte (nós ou os estudantes externos).” in Código Pedagógico dos Jesuítas. *Ratio Studiorum* da Companhia de Jesus, Regime Escolar e Curriculum de Estudos, edição bilingue, versão portuguesa de Margarida Miranda, ed. Esfera do Caos, Lisboa, 2009, pp. 110 e 162.



Sala do Senado



Sala das Belas Artes



AULA DE MUSICA

Casa Pia, Sala das Belas Artes como aula de música, com palco ao fundo.

NO TEMPO DA CASA PIA E DO LICEU: (1836-1979)

Quando a Casa Pia (1836) e o Liceu (1841) ali se instalaram já nada sobrava dos livros da antiga Universidade. No Colégio do Espírito Santo, tirando alguma pequena sala de leitura que a Casa Pia tivesse organizado, mas cujos vestígios desconhecemos, o edifício não possuía na altura qualquer biblioteca. O espaço da antiga Livraria Grande, passou a denominar-se Sala de Belas Artes no tempo daquela instituição assistencial, talvez porque aí ocorressem as aulas de música e de teatro, tendo até sido construído para o efeito, no seu topo, um palco para representações teatrais dos casapianos.

O nome de Sala Belas Artes, que até hoje perdura, consagrado em elegantes letras no pórtico da entrada, dever-se-ia também às magníficas pinturas do tecto, obra dos Jesuítas, e que apesar dos descaminhos da sua função primitiva se obstinavam a desafiar o tempo e a destruição. Próximo dos anos quarenta deste século passará para a Sala das Belas Artes a aula de instrução primária da Casa Pia, até aí a funcionar no espaço dos antigos aposentos e capela do Cardeal D. Henrique



Sala das Belas Artes

(hoje Sala Fundo Governo Civil e Túlio Espanca). Na realidade, a necessidade da criação de uma biblioteca no Liceu de Évora terá sido bastante mitigada pela proximidade e excelência da Biblioteca Pública, tanto mais que existia uma certa tradição dos directores desta instituição serem também professores do Liceu, como Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara (1808-1879) ou Augusto Filipe Simões (1835-1884). De facto, até muito tarde os professores e alunos se socorreram da Biblioteca Pública para as suas leituras e estudo, pois só em 1897 é que temos notícia que terá sido criada a Biblioteca do Liceu, e ainda assim num espaço muito exíguo, a actual Sala 114, com pouco mais de 40m². Também con-



Liceu de Évora, representação musical nos claustros do Colégio do Espírito Santo, podendo-se ver do lado direito ao fundo a pequena sala da Biblioteca.

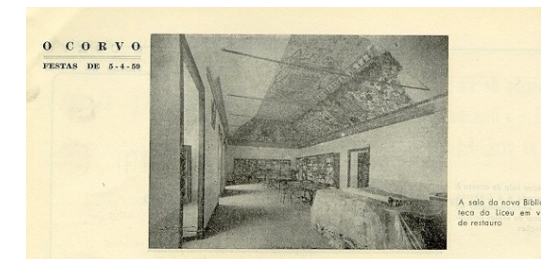


Corredor da actual Directoria

vém perceber que no final do séc. XIX o Liceu só possuía o Pátio dos Gerais com as suas onze salas de aula e as três ocupadas com Secretaria e Reitoria, contíguas (salas 122 e a actual Directoria, que servia de gabinete do Reitor), além da minúscula Biblioteca na 114.

Muitos anos volvidos, Vergílio Ferreira, descrevendo o Liceu na obra *Aparição*, datada de 1959, ainda nada nos diz quanto à existência deste espaço no Liceu de Évora, antes descrevendo as reuniões de estudo com os seus alunos na Biblioteca Pública. Em entrevista recente a dois ex-alunos do Liceu de Évora confirmamos isto mesmo: a Biblioteca do Liceu pouco ou nada era usada, “armazém de livros empilhados” que teve até como guardiã uma contínua temível, dissuadindo o aluno mais afoito... Por estas razões até à década de sessenta os alunos do Liceu de Évora frequentariam essencialmente a Biblioteca Pública para requisitar os livros e estudar.

No Estado Novo haviam sido reforçadas as competências dos liceus e o seu apetrechamento, com a criação de laboratórios, ginásios e também



“A sala da nova Biblioteca do Liceu em via de restauro”, número especial do Jornal O Corvo, de 1959.

bibliotecas, mas só muito tardiamente foi o caso do Liceu de Évora no que concerne à biblioteca. Todavia, a necessidade da existência desta estrutura que condissesse com o estatuto do Liceu dever-se-ia já fazer sentir, até porque constituía uma forma de reforçar as actividades pedagógicas e a disciplina escolar dos alunos, mantendo-os a estudar num espaço controlado. Terá sido mesmo objecto da ambição de sucessivos reitores. Mas a sua criação só foi realidade com a saída da Casa Pia em 1957. Infelizmente, nas vésperas desta mudança a belíssima Sala das Belas Artes já só servia de dormitório aos casapianos mais velhos (testemunho recente de um ex-casapiano), perdendo até a dignidade que aquela instituição lhe soubera atribuir.

De facto, só com a libertação total do edifício em 1957 é que o Liceu conseguiu recuperar muitos espaços do segundo piso, nomeadamente a desde há muito ambicionada sala da biblioteca ou Sala das Belas Artes. Curiosamente, a Sala das Belas Artes e o seu corredor constituiriam, em dois momentos-chave, uma espécie de ‘última fronteira’ no domínio do espaço escolar reivindicado pelo Liceu à Casa Pia, quer, quase vinte anos depois, entre o Instituto Universitário de Évora e o Liceu. Logo em 1959, pelo jornal estudantil *O Corvo* (Edição Comemorativa de 1959), se sabe que se haviam iniciado as obras de restauro da Sala das

Belas Artes para Biblioteca do Liceu, que viria finalmente a ser considerada uma das melhores bibliotecas escolares de Portugal, e uma das poucas que “não tinha os livros encerrados nas estantes, como reparavam com espanto os visitantes”². Estas obras incluíram o restauro das pinturas do tecto e construção de todas as estantes e mesas, magnífico mobiliário que a Universidade viria a herdar e ainda hoje conserva³.

A BIBLIOTECA GERAL DO INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE ÉVORA - BGIUE (1973-1979)

Em 1973, no âmbito da Reforma Veiga Simão, foi criado o Instituto Universitário de Évora (IUE). Nos primeiros cinco anos apenas ocupou um espaço modesto no Colégio do Espírito Santo: o ‘Conventinho’ e os corredores logo abaixo deste, separado o espaço do Liceu pelos portões de ferro que ainda hoje se podem ver.

A Biblioteca Geral do Instituto Universitário de Évora (BGIUE) situava-se, então, num dos corredores do 1º piso, onde actualmente se localiza a Reitoria, compreendendo dois gabinetes com quatro salas para um espólio que cresceu aos 6.000 livros. Naquele tempo, o ‘Conventinho’ albergava



também alguns departamentos e os Serviços de Documentação.

No final da década de setenta o IUE cresceu, quer em espaço ocupado quer na quantidade de pessoal, teria já cerca de 600 alunos para quem a Biblioteca e a Reprografia constituíram um dos seus “maiores luxos”. Apesar de pequeno e concentrado, o ambiente entre alunos, funcionários e docentes é ainda hoje recordado como “muito familiar” pelas mais antigas funcionárias da BGUE, Maria Antónia Pereira e Catarina Fernandes. Todavia, referem, o trabalho já era muito significativo, com grande procura de determinadas obras e materiais de apoio, como mapas, etc. .

Finalmente, em 1980, com a saída do Liceu para o seu novo espaço, a já Universidade (1979) recuperará todo o edifício, muito em particular o corredor e a Sala das Belas Artes, passando nesse mesmo ano para lá a Biblioteca e instalando-se na sala da frente a Mapoteca. Logo nos primeiros tempos, devido às características privilegiadas do espaço e à sua beleza, a Sala de Belas Artes haveria de servir de cenáculo, acolhendo muitos dos importantes eventos que a jovem instituição organizou, como o Seminário Internacional sobre Teilhard de Chardin (1981), ou os 2º e 3º Seminários Portugal nos Anos 80 (1982).

²- Em entrevista recente a um dos últimos reitores do Liceu.

⁴ A BIUE dispunha de verbas próprias para aquisição de livros e periódicos através de um fundo geral atribuído pela Reitoria à Biblioteca. O Conselho da Biblioteca determinava que obras deveriam ser adquiridas, privilegiando as consideradas necessárias para os cursos mais recentes. No caso dos periódicos, os que fossem do interesse de mais de três departamentos eram pagos através do fundo geral da Biblioteca. Nos restantes casos, esse encargo era assumido pelos departamentos. Houve várias ofertas que contribuíram também para o crescimento do acervo de forma significativa (da AID US Agency for International Development, entre outras). A catalogação das obras era dactilografada em fichas catalográficas a stencil. As cópias tiradas a stencil eram depois inseridas por ordem alfabética nos ficheiros de autor e título para posterior recuperação dessa informação por parte dos utilizadores.

Segundo testemunho de um antigo presidente da Associação de Estudantes, em entrevista ao Ueline, Abel Ribeiro refere: “Em Outubro de 1976, o então IUE tinha dois edifícios (a Mitra e um “corredor no Colégio do Espírito Santo - o restante edifício ainda era do Liceu de Évora). Teria, nesse seu início de vida lectiva, cerca de 50 alunos, dos quais mais de metade eram os tais “transferidos” da tal Escola Bento Caraça. “Economia” e “Sociologia” eram os dominantes com turmas diurnas e noturnas. Não havia residências universitárias, muito menos refeitório (só aconteceu em 1979, julho) e havia um minúsculo bar, aberto, esse sim, logo em início de 1977. Os nossos “luxos” eram a Reprografia e a Biblioteca”. In: <http://esquerdapossivel.blogspot.pt> de 26 de Janeiro de 2012



ANTÓNIA PEREIRA
1979

1981
CATARINA FERNANDES

